

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte	Veja	Class.: Antropologo	2 111
Data	16/06/93	Pg.: 48-50	

PERFIL

Um sábio na tribo do passado

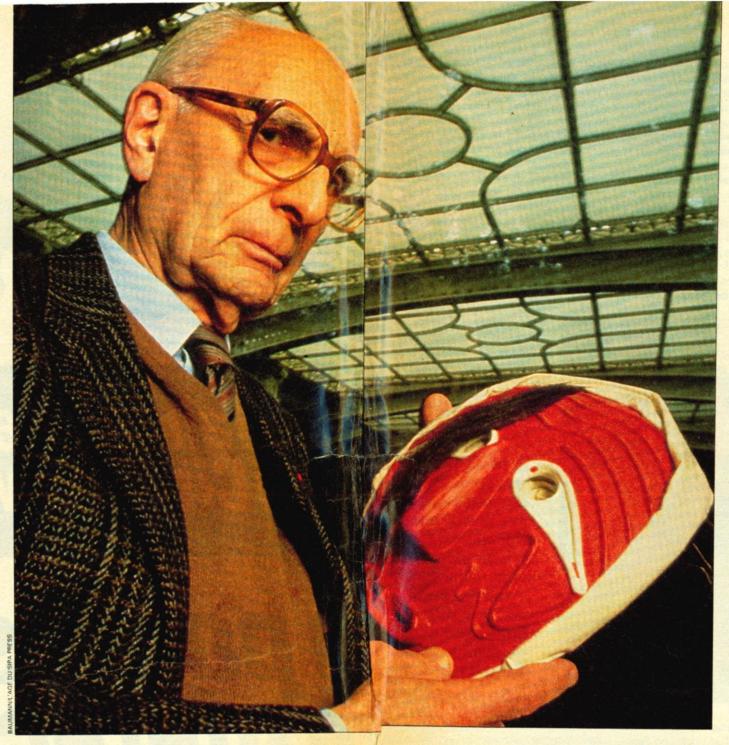
A nostalgia criativa de Claude Lévi-Strauss, o último grande intelectual francês

FÁBIO ALTMAN

s calças ou os livros?" O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss já perdeu a conta das vezes em que lhe fizeram essa pergunta. Quando se apresentou à New School for Social Research, nos Estados Unidos, ainda em 1941, o diretor da escola foi objetivo. "Aqui o senhor terá de mudar seu nome para Claude L. Strauss, do contrário os estudantes irão achar engraçado essa coincidência com o nome da marca de jeans." O último grande intelectual francês ainda vivo, o derradeiro mestre de uma estirpe de nomes como Raymond Aron ou Jean-Paul Sartre, Lévi-Strauss sorri quando comenta esse acaso que o acompanhou por toda a sua vida de 84 anos. "O que eu posso fazer se calça todo mundo usa?"

Eis aí uma constatação que não faria vergonha dentro do estruturalismo — o método que procura estudar o mundo real por meio de estruturas que sempre se repetiriam em determinadas situações e do qual ele foi o grande patrono e fundador. Aos novatos em Lévi-Strauss, que não o conhecem pessoalmente e irão vê-lo pela primeira vez, as advertências vêm de todos os cantos: cuidado, ele é malcriado, ríspido na conversa. Esse é o mito. O verdadeiro Lévi-Strauss é apenas muito irônico e aprendeu a dominar a arte da cortesia como poucos. Mãos pousadas nos joelhos, a voz ligeiramente trêmula porém perfeitamente lúcida, responde a tudo, ainda que as questões busquem resumir em poucos minutos uma vida inteira de idéias. A espiá-lo, em sua vetusta sala no Collège de France, em pleno Quartier Latin parisiense, há um retrato em preto-ebranco do filósofo Merleau-Ponty, um de seus grandes amigos, falecido em 1961. Para a antropóloga Catherine Clément, especialista na obra de Lévi-Strauss, o que ele possui é a 'indulgência tímida do velho sábio".

Lévi-Strauss foi um dos fundadores da Universidade de São Paulo, em meados dos anos trinta, ao lado do psiquiatra Georges Dumas e do historiador Fernand Braudel. Quando deixou o Brasil, em 1939, depois de uma longa expedição junto às tribos indígenas do oeste de Mato Grosso, carregava no bolso as anotações daquilo que quinze anos depois viria a se tornar um dos grandes clássicos da literatura de todos os tempos: *Tristes Trópicos*, um livro de etnografia que se lê como um romance e relata sua viagem aos índios e às elites de São Paulo e do Rio de Janeiro. Desde que colocou o ponto



final em *Tristes Trópicos* — defendendo que os homens só foram felizes no neolítico —, Lévi-Strauss abandonou o Brasil. Voltou ao país uma única vez, em 1985, acompanhando uma burocrática e rápida viagem oficial de François Mitterrand. "Tenho medo, muito medo, de retornar ao Brasil", confessa. "Para quê? Para chorar sobre minhas lembranças? O país que amei já não existe mais." A solução: continuar debruçado no que viu quando tinha apenas 30 anos de idade. Durante o verão europeu, Lévi-Strauss ficará em sua casa de campo trabalhando em cima de uma seleção de 200 ou 300 negativos de fotografias, todos inéditos, escolhidos entre as 3 000 chapas que fez em sua expedição brasileira. As fotos, tiradas com sua câmara Leica, que ainda existe, servirão para ilustrar um livro que ele pensa em publicar. "Um trabalho de imagens, com poucas palavras."

Ansioso, Lévi-Strauss espera a chegada a Paris da professora brasileira Manuela Carneiro da Cunha, do Departamento de

Antropologia da USP, com quem ele se corresponde e que prometeu colocar na bagagem um mapa de São Paulo antigo, da época em que os retratos foram feitos. A professora Manuela designou duas colaboradoras para executar a pesquisa antropológica que Lévi-Strauss pediu. Está difícil, os arquivos da cidade inexistem, mas, sem o mapa, nada feito. "Será que a Avenida São João que fotografei ainda está lá? Preciso reencontrar a São Paulo do meu passado."

O passado não é apenas um instrumento de pesquisa para o antropólogo que vai buscar ontem as pistas para entender o que ocorre hoje. O passado, para Lévi-Strauss, transformou-se num vício saudável. Ele não perde uma oportunidade para falar de sua idade, da velhice que chegou e dos bons tempos que se foram. "Quando você tiver minha idade, também ficará nostálgico", avisa. "Já criança, interessava-me muito mais pelo passado do que pelo presente, e quanto mais envelheço mais esse fenômeno se agrava." Nos detalhes de seu cotidia-

no, nota-se o tal fenômeno. Amante de ópera e de música clássica, ele costuma escutá-las no rádio. Quando algo lhe interessa, pára de escrever e aumenta o volume. Tem aparelho de CD em casa, mas não sabe e não gosta de usá-lo. Também nunca ousou tocar em um computador. "Trabalho ainda com minha velha máquina de escrever mecânica — quando lançaram a máquina elétrica, ainda tentei utilizá-la, mas não suportei o barulho. Não posso ter à minha frente, quando escrevo, algo que parece estar vivo." Para defender essa sua relutância em compreender o computador, ele se apóia, é claro, na velhice e num cálculo matemático. "O tempo que levarei para aprender a manipulá-lo não valerá a pena pelo que ainda tenho a escrever." Assegura que já não tem a rapidez de raciocínio de antes (escreveu *Tristes Trópicos* em quatro meses e hoje, tem certeza, levaria quatro anos para achar as palavras certas).

évi-Strauss acaba de lançar na França uma coletânea de ensaios sobre a música de Rameau, a pintura de Poussin e a literatura de Chabanon, um musicólogo do século XVIII. Diz que muito provavelmente esse é seu último texto de fôlego com base naquele mesmo cálculo da marcha inexorável do tempo. "Há três livros tenho dito que é meu último, mas agora isso está ficando cada vez mais provável." Já não freqüenta cinema e arrumou um excelente pretexto. "Depois de velho, virei claustrofóbico e não posso ficar sentado numa sala escura, cheia de gente." Permanece então em casa, com a

Nos Estados
Unidos, o diretor
da escola disse: "O
senhor terá de
mudar seu nome
para Claude L.
Strauss, pois os
estudantes vão
achar engraçado a
coincidência com o
nome da marca de
jeans"

mulher, Monique Roman, vinte anos mais nova, diante da televisão - mas só assiste aos filmes clássicos transmitidos pelos canais a cabo. Gosta das velhas fitas do inglês Alfred Hitchcock, do alemão Ernst Lubitsch, do americano Frank Capra e dos japoneses. Os filmes novos define assim: insuportáveis. Tão insuportáveis como o rock, que ele não perdoa e considera como um dos lados podres da civilização. Lévi-Strauss identifica no rock o mesmo exotismo que percebeu nas elites brasileiras, uma "fauna mais exótica do que ela se acreditava". Eis o que ele escreve sobre rock em Regarder Écouter Lire (Olhar Escutar Ler), o livro re-

cém-lançado: "Hoje são os poderes públicos que nos convidam a reconhecer a mesma legitimidade no rock e na *Nona Sinfonia*". O velho sábio não quer saber dessa conversa: o clássico vale mais do que o rock, muito mais, e ele, como representante de uma "cultura superior", deve preservá-lo e defendê-lo da banalização da música popular.

A fauna de Lévi-Strauss, com idéias como essa, é uma espécie em extinção. Já não se fazem etnógrafos como antigamente porque lhes falta assunto, é difícil achar tribos indígenas ainda virgens como as que ele próprio encontrou no Brasil, e a elite, tremenda pasmaceira, é igual em Miami ou Maceió. Lévi-Strauss anda decepcionado com os índios. "Eles já não nos querem", constata. Um de seus colegas no Collège de France decidiu realizar um estudo com as tribos que vivem no Canadá, na costa do Pacífico. Voltou para casa, frustrado, porque os aborígines exigiram que ele preenchesse uma pilha de formulários burocráticos. "Era mais complicado do que a

3 VEJA, 16 DE JUNHO, 1993



CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Pg.: 48-50 Fonte

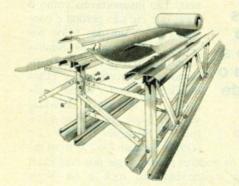
roll-on **VENDE MAIS**

SÓ PORQUE NÃO VAZA?

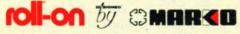
436.000 m2 de rollion na cobertura de Hipermercados. 372.000 m² de rol-on na cobertura de Shoppings. 320.000 m² de 320.000 m² de rollon
na cobertura de Fábricas.
266.000 m² de rollon
na cobertura de Prédios Industriais.
88.000 m² de rollon
na cobertura de Terminais Rodoviários.
79.000 m² de rollon exportados para o México e Espanha.

48.000 m² de roton na cobertura de Ginásios. Mais de 500.000 m² de na cobertura de Hangares, Galpões, Revenda de Caminhões e Automóveis, Lojas Comerciais, Armazéns, Depósitos, Hospitais, Terminais de Cargas, Garagens, Cinemas, Igrejas, Estaleiros, etc...

É CLARO QUE NÃO! PARA SABER OUTRAS RAZÕES **CONSULTE UM** ARQUITETO.



O ÚNICO SISTEMA DE COBERTURA METÁLICA SEM EMENDAS, SEM FUROS E SEM SOBREPOSIÇÕES.



MARKO CONSTRUÇÕES INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Rua da Proclamação, 30 - Bonsucesso - Rio de Janeiro - RJ
Cx. Postal 8146 - CEP 21042-430 - Tel.: (021) 280-3492
Fax: (021) 290-8140 - Telex: (21) 35650 RLON
Avenida Indianópolis , 2.333 - Indianópolis - São Paulo - SP
CEP 04063-004 - Tel.: (011) 577-8966 - Fax: (011) 275-4966
Telex: (11) 56786 RLON
Calle Tutor, 60 - Bajo Dcha - 28008 - Madrid - España
Tels.: 5438663 - 908155918 - Fax: 5441111



papelada da Previdência Social", conta Lévi-Strauss. "Chegará o dia, e ele pode estar próximo, em que os antropólogos servirão de tema de estudo para os índios que andam de carro e avião. Que tal a 'tribo dos Lévi-Strauss' como título de trabalho?" Como ainda lê e entende o português, o mestre acompanhou as aventuras de Paulinho Paiakan, o estuprador. Seu veredicto: a sociedade dos brancos estragou a dos índios, mas eles também gostaram da brincadeira e agora precisam pagar por isso. O pai do estruturalismo gosta de repetir o que diz aos japoneses para usar como metáfora da situação de Paiakan. "Os japoneses afirmam que continuarão a caçar baleias porque isso faz

truques: em casa, o dial do rádio está há anos parado na emissora dos clássicos Para escrever o capítulo de seu livro dedicado ao pintor Poussin, passou horas no Museu do Louvre. Em casa, devorou livros de páginas amareladas como se nada soubesse dos personagens cujo trabalho decidiu investigar. Frequenta os leilões de arte de peças do século XIX. Não compra nada, apenas olha. O que o anima a desembolsar os francos são as estampas japonesas (ele tem mais de 300) e as bijuterias antigas que oferece à sua mulher. Vai acumulando objetos porque depois de tantos anos estudando o espírito dos homens, e seu comportamento social, chegou à conclusão de que são eles, os

objetos, que interessam de verdade. Lévi-Strauss termina seu último livro com um depoimento belo e pessimista. "Suprimir, ao azar, dez ou vinte séculos de História não afetará de forma sensível nosso conhecimento da natureza huma-

"A sociedade dos brancos estragou a dos índios, mas eles gostaram da brincadeira. Como os japoneses, que dizem caçar baleias porque é um costume milenar. Então que usem instrumentos daquela época"

parte da cultura milenar deles, praticada desde o século XII. Tudo bem: no entanto, se eles querem continuar a caçá-las, devem usar os instrumentos daquela época e não as poderosas armas de hoje, de tecnologia estúpida. Com os índios é a mesma coisa: não podem beneficiar-se ao mesmo tempo da cultura antiga e da cultura nova. É uma ou outra."

Em sua eterna viagem ao passado e ao discreto charme de lamentos de uma velhice mais do que lúcida, Lévi-Strauss transporta essa opção (é uma ou outra) para sua própria vida. Por isso decidiu que a arte moderna é ruim, a música terminou com Beethoven e a boa literatura é Diderot. O resto é lixo. Mas como viver nesse mundo antigo em pleno fim de século XX? Lévi-Strauss tem seus

na. A única perda irreparável seria aquela das obras de arte que os séculos viram nascer. Os homens só diferem, e mesmo só existem, por suas obras. Como a estátua de madeira que nasceu de uma árvore, somente elas carregam a evidência de que, ao longo dos tempos, entre os homens, alguma coisa realmente se passou.' Entre as obras de arte que o século viu nascer, e mereceram viver pelos tempos afora, está Tristes Trópicos. A moda estruturalista passou. Sua vertente marxista não ressoa mais, e seu arauto, Louis Althusser, morreu louco. Seu veio psicanalítico esfacelou-se em mil igrejinhas já antes da morte de seu xamã, Jacques Lacan. Resta apenas Lévi-Strauss. Acima da moda, ele paira na única condição que lhe cabe: a de sábio.